



Facultad de  
Humanidades y  
Ciencias  
de la Educación

Instituto de  
Educación

---

## **Educação aristocrática e o perfil do educador**

*Aristocratic education and the educator's profile*

Samuel Mendonça<sup>1</sup>  
Felipe Adaid<sup>2</sup>

### **Resumo**

A questão essencial deste artigo apresenta-se da seguinte forma: qual é o perfil do educador para a educação aristocrática? Este texto tem por objetivo problematizar questões educacionais, em específico o nivelamento do ensino e o processo de democratização como impeditivos para a conquista de si mesmo. Se a educação aristocrática aponta para a dimensão individual, por outro lado, o perfil do educador para esta concepção de educação não se restringe à busca de si mesmo. A partir da conquista da individualidade, o educador passa a ser a condição para a transformação também do outro, na medida em que a base desta transformação é a autocrítica e a autossuperação de si mesmo. Os resultados alcançados evidenciam que a concepção de educação aristocrática, pensada no contexto do perfil do educador, propicia a revalorização da educação, isto é, é preciso dar vida a uma concepção de

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação (Unicamp). Coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da PUC Campinas. Líder do grupo de pesquisa: Política e Fundamentos da Educação (CNPq/PUC Campinas). Email: samuelms@gmail.com

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica Pibic/CNPq. Graduando em Direito pela PUC Campinas. Membro do grupo de pesquisa Política e Fundamentos da Educação (CNPq/PUC Campinas). Email: felipeadaid@gmail.com

educação que não seja sectária, estanque ou moralizadora, mas que seja, acima de qualquer coisa, educação de si mesmo.

**Palavras-chave:** educação aristocrática; perfil do educador; Nietzsche.

### Abstract

*The key issue of this paper is presented as follows: what is the educator's profile for the aristocratic education? This paper aims to discuss educational issues, in particular the leveling of education and the democratization process as impediments to the conquest of oneself. If the aristocratic education points to the individual dimension, on the other hand, the educator's profile to this conception of education is not restricted to finding oneself. From the conquest of individuality, the educator is also a prerequisite for the transformation of the other, inasmuch as the basis for this transformation is the self-criticism and the self-transcendence of oneself. The results show that the conception of aristocratic education, thought within the context of the educator's profile, provides a reevaluation of education, i.e. it is necessary to give life to a concept of education that is not sectarian, sealed or moralizing, but it is, above all else, the education of oneself.*

**Key words:** aristocratic education, educator's profile, Nietzsche.

## Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar aspectos da educação aristocrática e o perfil do educador dessa concepção de educação. Além disto, pretende-se avaliar a correspondência entre a figura do educador e a concepção de educação da exceção. A pergunta que orienta a argumentação do texto está assim formulada: qual é o perfil do educador para a educação aristocrática? Parte de um projeto institucional maior, este artigo resulta da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da PUC Campinas. Há outros resultados da referida pesquisa, como por exemplo: Mendonça (2011; 2012). Do ponto de vista formal, o artigo está estruturado em dois momentos, a saber: (i) condições para a excelência e (ii) o perfil do educador aristocrata. Como revisão da literatura, textos de Nietzsche (2000, 2003, 2005, 2007, 2007a, 2012) e de comentadores: Almeida (2005), Melo Sobrinho (2007), Mendonça (2009, 2011, 2012) e Azeredo (2008), formam a base teórica.

Em sentido *lato*, a educação pode ser analisada como a condição fundamental de retirada do homem do estado de selvageria. É possível pensar a educação como o meio pelo qual o homem apreende noções comuns e inerentes às peculiaridades de seu grupo social. O próprio radical do vernáculo educação já é tautológico, dado que descende do verbo latino *educere*: “conduzir para fora, fazer sair, intimar, produzir, exaltar, elevar, criar” (Dicionário Acadêmico, 2008: 154). A etimologia sugere, neste sentido, o caráter emancipatório e transformador do homem. É assim que diversas concepções educacionais são construídas, isto é, como condições para a transformação social.

Ocorre que, paradoxalmente, nem sempre o educador educa, da mesma forma que nem sempre a atribuição da educação como condição de transformação social é efetiva. É nesta perspectiva que não basta afirmar que a educação modifica a vida do homem, é preciso problematizar as condições para que esta educação se efetive e, além disto, é urgente que se direcione a discussão educacional para o perfil do educador; afinal, quem é o sujeito

protagonista mediador deste processo senão o educador? Não se pretende neste artigo desenvolver o conceito de mediação, no entanto, não se pode ignorar as contribuições de estudos de e a partir de Vygotsky (1984) para o aprimoramento das atividades do educador frente à aprendizagem.

Não obsta asseverar que a aprendizagem não diz respeito à educação, em sentido *stricto*. A aprendizagem é o processo de apreensão do conhecimento, ou seja, o ser cognoscente – neste caso o homem – apreende fenômenos do mundo cognoscível por meio de seus órgãos dos sentidos, em seguida, interpreta-os utilizando sua percepção. Como preleciona Atkinson (2002), “pode-se definir aprendizagem como uma mudança relativamente permanente de comportamento que ocorre como resultado da prática” (Atkinson, 2002: 257). A educação é a condição para que se tenha êxito no processo de transformação humana, que inclui a aprendizagem. Assim sendo, nota-se que este processo de aprendizagem é o meio, enquanto que a educação é o fim. É claro que a educação é mais que um fim e sua teleologia é a transformação humana, ou, utilizando um conceito de Nietzsche, a educação deve revalorar a vida do homem a partir da revalorização da própria educação.

Também não se deve reduzir a educação – em sentido *lato* – ao seu aspecto formal. A educação formal se dá por meio de um processo pedagógico e metódico, o qual vem sendo aperfeiçoado ao longo da história do pensamento humano, de forma sistemática. É conhecida também como educação escolar. Atualmente, entende-se por ensino formal aquele ocorrido nas instituições de ensino autorizadas pelo poder público: universidades, escolas, academias e estabelecimentos de ensino à distância, regulados, de alguma forma, pelo Estado. São nesses ambientes acadêmicos em que o indivíduo tem seus primeiros contatos com o conhecimento científico e filosófico. É no contexto da escola que a criança tem contato com diversas vertentes da cultura, no entanto, a crítica à modernidade e à cultura, feita por Nietzsche (2007), constitui-se de baliza para a crítica da educação que tem se mostrado insuficiente para o estímulo da conquista de si mesmo. Nesta perspectiva, a educação aristocrática encontra espaço e este artigo se justifica.

Nietzsche (2007) critica a ideia de democracia educacional como solução para o desenvolvimento da cultura. Mendonça (2012) evidencia as críticas de Nietzsche à igualdade e à democracia e argumenta que o propósito da educação aristocrática é o de colocar o indivíduo em contato com ele mesmo, no que nomeia, autocrítica e autossuperação. A busca do nivelamento configura a mediocrização na educação na medida em que a suposição da igualdade do homem é apenas resultado de um discurso burguês. Este pensamento ignora a idiosincrasia humana e o fato de que a desigualdade existe. Sendo seres singulares, não há dúvida de que haverá diferença no desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças. Esta diferença é, muitas vezes, vista como um problema de aprendizagem e a escola busca uniformizar os padrões de conduta, busca nivelar as condições de aprendizagem das crianças, ignorando o que elas têm de mais sublime, isto é, ignorando a potência do que são. A busca da padronização distancia o estímulo à singularidade. A busca do nivelamento obstrui a possibilidade da conquista individual das crianças. A escola, neste sentido, tem servido como base do distanciamento dos indivíduos em relação a eles mesmos.

Assim, é perigoso democratizar a educação por duas razões: em primeiro lugar pela singularidade humana e, assim, não há sentido discutir oportunidades iguais no âmbito educacional já que as pessoas não são iguais e suas necessidades são particulares; a segunda razão habita diretamente nas ideias de Nietzsche (2007). De acordo com o filósofo, o nivelamento da educação é um processo atroz que leva os indivíduos a uma mediocridade sem precedentes. Se a crítica à educação alemã de Nietzsche tivesse sido levada a sério, no século XIX, talvez tivéssemos outras concepções de educação que não as que causam o nivelamento e o empobrecimento da conquista da individualidade humana.

Destarte, dada a própria singularidade humana, é justificável que alguns indivíduos desenvolvam-se melhor que outros em determinadas habilidades, assim sendo, no caso da educação, é aceitável a existência de uma elite intelectual, da mesma forma que é comum a existência de pessoas

absolutamente distantes da educação e dos diversos aspectos da cultura. Então, a partir dessas considerações propedêuticas, qual o papel da educação aristocrática ao eleger um determinado perfil de educador? Em outros termos, quais as contribuições do educador da educação aristocrática para a possibilidade de intervenção social no que se refere ao papel da educação formal? Passa-se, pois, à caracterização de aspectos da educação aristocrática, sendo considerada a educação da excelência.

## **1. Condições para excelência**

A educação aristocrática, defendida por Mendonça (2009), diz respeito à educação da exceção ou educação da individualidade. Não se trata de educação para os ricos, mas de educação para os que têm reverência por si mesmos. O perfil do educador para essa educação se diferencia do perfil de educadores comuns, isto é, enquanto se entende por educador aquele sujeito protagonista da transformação social, o educador aristocrata, por outro lado, diz respeito ao que conquista sua individualidade. Para a transformação social, há a reivindicação anterior de transformação de si mesmo e, neste sentido, o educador aristocrata refere-se a um indivíduo singular, incomum.

Quem define o educador aristocrata, neste sentido, é ele mesmo. O homem primeiramente deve ter a percepção de seu estado animalesco de gregaridade e saber que existe a possibilidade de superação desta condição comum. A superação desta condição comum se dá por meio da autocrítica e da autossuperação, isto é, a educação aristocrática é a condição para que se tenha a saída do estado de nivelamento para o desenvolvimento daquilo que se é.

Por outro lado, mesmo considerando esse processo aristocrático extenuantemente árduo, esse longo período de formação poderia ser notado de forma sutil ao indivíduo que o vivencia, tão sutil que ele nem teria consciência de sua mudança. Em outras palavras, estas transformações e aprimoramentos intelectuais poderiam ser tão lentos e gradativos que ao atingir

a si mesmo, ultrapassando esse limite imaginário entre as debilidades gregárias e a superioridade da excelência, a experiência de ser um aristocrata passar-lhe-ia despercebido. Quiçá para grandes gênios da humanidade, cujas prodigiosas capacidades já eram notadas desde a mais tenra idade, a percepção de ser um aristocrata deva ser algo absolutamente natural ou prosaico<sup>3</sup>. “Maior será aquele que souber ser o mais solitário, o mais escondido, o mais afastado, o homem que viver para além do bem e do mal, o senhor de suas virtudes, que será dotado de uma vontade abundante” (Nietzsche, 2000: 134).

Nietzsche ressalta a importância da solidão enquanto meio possível à reflexão, pois só é possível pensar verdadeiramente quando se está afastado dos tumultos da sociedade gregária. Além disto, o bem e o mal representam a própria questão da moral, ou seja, o educador aristocrata não deve ser submisso à moral vigente. A aristocracia aponta para outra construção da moral e possibilidade de se criar novos valores e suas próprias virtudes. Já a vontade abundante representa a própria ideia da energética da vontade de potência.

Neste sentido, esta energia dá a alguns homens a consciência e o desejo de se tornar um aristocrata. Pode-se entender que esta energia representa o que Nietzsche denomina de vontade de potência (*Der Wille zur Macht*). Esta ideia pode ser entendida como a própria força pela sobrevivência, ou seja, o próprio *animus* em querer sobreviver e se superar. Segundo Nietzsche, “a própria vida é vontade de potência” (Nietzsche, 2000: 30).

Este fenômeno humano potencial é desenvolvido na filosofia nietzschiana e se refere, segundo Mendonça (2009), diretamente a um conjunto de forças internas e ao próprio desejo de acumular mais forças. Em outro pensamento, esta ideia poderia ser entendida como um sentimento de

---

<sup>3</sup> O próprio Nietzsche, quando ainda criança já se manifestava à respeito de questões filosóficas, como lembrado por ele mesmo no seguinte trecho: “de fato, já quando era um garoto de treze anos me perseguia o problema da origem do bem e do mal” (Nietzsche, 2007: p. 9).

insatisfação do próprio estado de inferioridade e ignorância inatos. O mesmo autor ainda completa:

A vontade de potência parece ser à base da teoria do conhecimento de Nietzsche, considerando o homem como o experimentador que busca realizar a vontade da vontade, ou seja, busca constantemente a superação e destruição do que é, a fim de se criar e recriar um novo homem (Mendonça, 2009: 56).

Em analogia com o que se espera de um filósofo, esta volúpia por superação sugere a própria necessidade do homem pelo conhecimento, sua intensa busca por respostas. O tormento da dúvida leva este desbravador do saber às últimas consequências. Destarte, esta vontade de potência é interpretada como uma grande necessidade de se conquistar o máximo de sapiência possível, na utópica tentativa de se superar verdades derradeiras, revalorando conceitos. Por mais que Nietzsche negue a existência de uma verdade absoluta, o que é a filosofia senão a constante busca da verdade?

Uma vez que não se pode conceber a ideia de que um homem se torne aristocrata de uma forma inata ou natural, assevera Mendonça (2009) que a vontade de potência é o pano de fundo da possibilidade de construção de uma educação aristocrática. Ou seja, é por meio desta grande energia fluida que se pode conceber a ideia de uma educação propriamente aristocrática, dado que a vontade de potência aponta para uma dinâmica de forças internas que se superam continuamente. Destarte, explica o mesmo autor que a vontade de potência se refere diretamente a um plexo energético de forças internas, em especial forças de resistência: “a vontade de potência pode se manifestar somente na oposição; depois ela procura aquilo a que se opôs” (Nietzsche, *apud.*, Mendonça, 2009: 53).

Segundo a filosofia nietzschiana, pode-se entender que a vontade de potência, a despeito de toda a complexidade com que é tratada pelo filósofo, é influenciada principalmente por dois elementos essenciais, quais sejam: a autossuperação e a autocrítica. Em relação à autossuperação, explica



Mendonça (2009) que esta diz respeito à tentativa dos pensadores de serem protagonistas do conhecimento e não mais se submeterem a uma aceitação da autoridade divina na esfera cognitiva. Ora, não seria este sentimento o próprio desejo de deixar seu estado de mediocridade e atingir uma superioridade?

A aristocracia não deve ser entendida como o estado de apogeu do homem. Relativo ao que foi examinado sobre o dever-ser aristocrático, a sabedoria e a emancipação intelectual são processos que não têm fim. É por este motivo que o aristocrata deve ter a autossuperação como uma característica peculiar, uma vez que deve sempre buscar a perfeição e o aprimoramento. Ressalta-se, porém, que a perfeição neste caso é hipotética, uma vez que não existe um homem perfeito. Desta forma, os sentimentos de preguiça e comodismo são opostos à figura do educador aristocrata.

Esta superação, em última análise, representa a superação da própria pré-existência gregária, uma vez que a aristocracia não representa um ponto de partida, dado que ninguém nasce aristocrata. A excelência é uma característica alcançada após muito esforço. Em todo o desenvolvimento e processo de aprendizado, o homem é limitado por uma força (inércia), assim como os corpos no universo. Esta força impele-o ao estado de estagnação e impotência.

A autossuperação, por sua vez, pressupõe a árdua tarefa de autocrítica (Mendonça, 2009). Neste diapasão, nota-se que para haver a superação de si e o enfrentamento dos limites, é necessária esta criticidade. Evidente que quando se fala em autocrítica não se denomina apenas a autópsia, ou seja, a reflexão subjetiva e individual. A autocrítica deve ser entendida como atividade ligada ao próprio pensamento reflexivo do universo, e não apenas de si mesmo. Nota-se que autossuperação e autocrítica estão interligadas nesse processo aristocrático, apresentam-se então como dependentes e complementares um ao outro.

Analisando as condições para o surgimento da figura do educador aristocrata, é plausível arguir que são aquelas que afastam o homem de sua

origem gregária e animalesca. Elenca-se, como fator primordial ao processo de afastamento do primitivismo alienante, segundo a própria ideia de Nietzsche, a vontade de potência, contendo estes sentimentos de autossuperação e autocrítica. Em aderência à figura do educador, como se poderia pensar em um perfil para o educador aristocrático? Quiçá, não seria menos leviano pensar se seria possível a existência de um educador aristocrata?

## 2. Perfil do educador aristocrático

Sigmund Freud (*apud*. Biesta, 2009: 354) escreveu certa vez que existem três profissões impossíveis de serem exercidas: governar, analisar e educar<sup>4</sup>. Nesta citação, Freud (*apud*. Biesta, 2009: 354) assevera sobre a complexidade e subjetividade que existe nessas três tarefas. O homem é um ser tão complexo e idiossincrático que é impossível estabelecer um padrão, ou seja, delimitar um sistema de comportamentos que leve a resultados sempre iguais. Destarte, assim como o analista e o político, a tarefa educacional é paradoxal. O que define um bom educador?

Neste sentido, a ideia de educação aristocrática nasce da tentativa de se pensar a figura do educador para uma concepção de educação que evidencia a busca de si mesmo como meta. Não obstante, ressalta-se que Nietzsche jamais falou em educação aristocrática, esta ideia de aglutinar estes dois universos filosóficos diz respeito à tese de Mendonça (2009). Segundo o mesmo autor:

A tese formulada de que é possível conceber a educação aristocrática em Nietzsche por meio do perspectivismo e da autossuperação do sujeito apontou uma educação individual, do

---

<sup>4</sup> No original se lê: "This may well have been the reason why Sigmund Freud identified education as one of the three 'impossible professions' - the other two being government and psychoanalysis - 'in which one can be sure beforehand of achieving unsatisfying results'. But whereas some would see the weakness of education as something that ought to be overcome, I wish to argue that the weakness of education is actually something that belongs to education and is proper to it. This means that, if we fail to acknowledge the fundamental weakness of education, we run the risk of forgetting what may well matter most in our education endeavors (*apud*, Biesta, 2009: 354).

destaque, do homem solitário; educação da exceção. Essa educação que sugere a autocrítica como elemento para a autossuperação do sujeito não é para todos, mas para os que têm reverência por si (Mendonça, 2009: VII).

Sem embargo, admitindo-se que a aristocracia pensada por Nietzsche (Mendonça, 2009) pode ser utilizada como base para pesquisas em filosofia da educação, em se tratando do educador aristocrata, quais as possíveis características encontradas nesse protagonista? Será que a vontade de potência, juntamente com a autocrítica e a autossuperação dizem respeito às condições para que este educador aristocrata possa educar a si mesmo? Sobre o perfil do aristocrata, Nietzsche indaga a seus leitores: “O que são aristocráticos? Que sentido a palavra ‘aristocrático’ pode ter ainda hoje? (...) Não são as ações que indicam isso – as ações são sempre ambíguas, sempre insondáveis –, não são também suas ‘obras’” (Nietzsche, 2007: 314).

Por meio dessa citação, é possível perceber que a aristocracia independe do comportamento humano, assim, não se pode julgar uma pessoa por suas ações, sua fala ou suas produções. Nietzsche deixa bem claro que é leviana a mera observação desses aspectos, circunstanciais, para identificar se o indivíduo é um aristocrata. A aristocracia é a condição para a mudança de estado do indivíduo por meio da vontade de viver.

Deste modo, pensar sobre o perfil do aristocrata a partir da autossuperação e da autocrítica, considerando o que Nietzsche discorre em *Para além de bem e de mal*, significa compreender as quatro qualidades ao homem de excelência, quais sejam: a coragem, a perspicácia, a simpatia e a solidão.

Segundo a filosofia nietzschiana, a coragem aponta para uma qualidade inerente à superação. É por este motivo que o covarde jamais tem a intenção de se superar, ele é pior do que o perdedor, que ao menos tentou vencer. Quem não tem esta coragem está dominado e consumido pelo medo, o que transforma o homem em um ser inerte e acomodado. Nietzsche não fala sobre a coragem no sentido heroico de bravura, esta coragem, *stricto sensu*, diz

respeito à própria demanda da aristocracia. Como qualquer outro homem, o aristocrata terá medo, entretanto, sua diferença do homem comum é que este não permite que seus temores limitem sua busca pela excelência. O educador aristocrata, neste sentido, busca a superação do medo, da mesquinha e da pequenez humanos (Mendonça, 2011).

A perspicácia, assim como a coragem, tão pouco se desliga da autossuperação, uma vez que não há evolução, mudança e emancipação, sem que exista o árduo trabalho do desenvolvimento intelectual. A assimilação do conhecimento e a reconstrução do saber já sedimentado – o aprender e o desaprender – demandam tempo e paciência. Desta forma, é imprescindível que o homem superior chegue sagaz em sua busca pela superioridade.

Nietzsche (*apud*. Mendonça, 2011a) entende a solidão em contraposição à condição de gregaridade, obviamente configurando uma necessidade para a formação do aristocrata. Considerando que a sociedade de rebanho preza por grupos da humanidade em uma massa homogênea que se satisfaz com o nivelamento, a solidão é o primeiro requisito para romper com este *status quo*. Para o filósofo, a solidão é um dos caminhos para se alcançar a aristocracia, dado que o homem solitário possui tempo para refletir. Neste sentido, acrescenta-se: “A solidão é tida como uma grande virtude do aristocrata, e marca a vida aristocrática na medida em que o homem nobre busca na solidão e no silêncio a compreensão das forças internas que tem: busca a sua excelência por meio da autocrítica e da autossuperação constantes” (Mendonça, 2009: 104). A solidão não diz respeito a ficar sozinho ou ficar acompanhado, mas significa a conquista de si mesmo. É possível exercer a solidão junto de outras pessoas.

Essa solidão deve ser entendida não como o afastamento do convívio social ou o rompimento com o seio familiar. A perspectiva solitária da educação aristocrática ainda pode se valer do auxílio de outros indivíduos, de forma a promover a intervenção junto ao outro. Neste sentido, Nietzsche (*apud*. Azeredo, 2008: 18) “vem salientar a ideia de que os que se destacam da

'mediocridade coletiva' têm de se enriquecer reciprocamente, servindo de professor uns aos outros" (Azeredo, 2008: 18).

Além desta caracterização, em outro momento, Nietzsche (2007) estabelece mais três novos atributos ao homem superior. Estes invariavelmente encontram consonância com a questão da autossuperação e da autocrítica, que por sua vez fazem relação à coragem, à perspicácia, à simpatia e à solidão, que tratamos alhures. Assevera o autor: "Em primeiro lugar, ele tem em toda sua atividade uma lógica ampla (...). Em segundo lugar, ele é mais frio, mas duro, mais determinado e sem medo da 'opinião pública' (...). Em terceiro lugar, ele recusa o coração "compassivo", mas o quer como servidor, instrumento" (Nietzsche, 2007: 331).

Entende-se que a frieza e a dureza sejam atributos da perspicácia humana. O homem fraco, aquele que sente compaixão de si mesmo, desiste rapidamente de seus objetivos tão logo se aproxima dos obstáculos. Ser duro e frio consigo é o que marca o educador aristocrata. A frieza e a dureza já pressupõem a existência da autossuperação e a consciência das limitações física e psicológica.

Nessa educação aristocrática, tendo o educador como figura ativa no processo de excelência, a frieza e a dureza marcam a busca de si mesmo da mesma forma que a possibilidade de conhecimento do outro. Destarte, o educador deve ter consciência de sua nobre função enquanto provocador na transformação e na emancipação do educando. Neste sentido, ser frio não significa ser atroz, o educador aristocrático deve agir sempre pela vontade de potência, buscando a constante reavaliação dos valores, tendo consciência de que está fazendo o melhor para que seu aprendiz também se utilize da vontade de potência. Este árduo processo de aprendizagem revela a dificuldade em que existe em se tornar ou se desenvolver a excelência. Como mencionada anteriormente, a aristocracia representa uma condição para poucos devido ao próprio esforço despendido pelo indivíduo para se tornar um. Na relação educacional ocorre o mesmo. Deste modo, Nietzsche evidencia o rigor que deve existir na relação de aprendizagem, o educador deve ser disciplinado na

busca de si mesmo e criar condições para que o educando também se busque a si mesmo.

Se por um lado, a dureza e a frieza são valorizadas na educação aristocrática, por outro lado, o ressentimento e a compaixão são preteridos. Assim sendo, pode-se entender que o filósofo alemão referia-se ao ressentimento e à compaixão como aqueles sentimentos distantes da vontade de potência, na medida em que se distanciam do devir como busca constante, mas referem-se à sublimação que diz respeito à fuga das forças contrárias em constante movimento. Dado que esta relação educativa visa ao amadurecimento do indivíduo, o ressentimento e a compaixão são avessos à dureza e à frieza, uma vez que se opõem à educação rigorosa e à dedicação ao estudo. Este pensamento refere-se ao desempenho e aproveitamento no processo educativo, ou seja, não convém que educador aristocrata sinta ressentimento ou pena de seu educando, dado que, neste caso, a hipótese de autossuperação estaria comprometida.

A frieza e a dureza, juntamente com a falta desses sentimentos de ressentimento e de compaixão nefastos, também não devem ser confundidas com uma relação autoritária, em que o educador se apresenta como figura superior e despótica. O educando que se busca a si mesmo não tem o educador como o que possui conhecimento, em si, mas como interlocutor dialógico disposto a revalorar valores, juntos. A relação educacional no contexto da educação aristocrática, portanto, não se pauta no medo, mas no reconhecimento da vontade de potência como marca da superação dos envolvidos nesta concepção educacional.

Ainda sobre a educação aristocrática, há relação entre a figura do educador aristocrata com o altruísmo? Em um fragmento póstumo, diz Nietzsche: “Ajude-se: você ainda ajuda a todos. Princípio de Caridade”<sup>5</sup> (Nietzsche, 2012). Em outras palavras, será que este sentimento de

---

<sup>5</sup> Tradução livre. No original se lê: “Hilf dir selber: dann hilft dir noch Jedermann. Prinzip der Nächstenliebe” (Nietzsche, 2012).

preocupação e o desejo de autossuperação e de autocrítica como condição básica da educação que busca a si mesmo têm aproximação com o altruísmo e com a caridade? Ou será que o aristocrata estaria empenhado na função de educar para a conquista de si mesmo? Argumenta-se que ao ajudar a si mesmo, o indivíduo, como consequência, ajuda também ao outro, no entanto, não se trata de ajudar o outro pelo outro, mas, o outro diz respeito ao reflexo da conquista de si mesmo. Embora paradoxal, essa acepção de ajuda de si constituindo-se de ajuda do outro é o pano de fundo de uma concepção de educação que, em última instância, aponta para a melhoria das condições de cada um na sociedade.

Esta questão faz-se necessária uma vez que remete à própria motivação do educador aristocrata buscar ser um educador. Neste caso, *grosso modo*, pode-se pensar em duas vertentes que motivaria este desejo de ser educador, quais sejam: primeiramente, fala-se da própria vontade de disseminação do conhecimento, promovendo a transformação dos indivíduos por meio da educação, claro que a partir da busca individual; em oposição a este pensamento, a motivação à educação estaria pautada não em um ato de benevolência e caridade, neste caso, o aristocrata utilizar-se-ia da educação para benefício próprio, uma vez que ele também iria beneficiar-se da relação educativa.

O primeiro argumento remete à própria análise realizada por Nietzsche em relação aos valores, desenvolvida principalmente nas obras *Além do bem e do mal* e *Genealogia da moral*. Segundo sua filosofia, a sociedade ocidental de seu tempo, e pode-se argumentar que a de hoje também, está contaminada por valores morais.

O valor do que é o bom e do que é o mal<sup>6</sup> representa a moral. Esses sentimentos foram construídos pelos humanos sendo reflexo de cada cultura e

---

<sup>6</sup> Segundo Nietzsche (2000), os valores são criados ao alvedrio da elite e incorporados pela sociedade, ou seja, os valores são introduzidos na sociedade pelas castas superiores e obedecidos pelo rebanho. Esta elite nem sempre representa a aristocracia tratada neste trabalho, uma vez que aqui se trata apenas do aristocracismo intelectual, ela pode representar também os detentores do poder, os governantes e os religiosos, por exemplo. Em suma, é o

grupo social. Entretanto, pode-se entender que o sentimento de bondade, impregnado em cada indivíduo, está acima de muitos valores e presente na sociedade há pelo menos dois milênios, nas sociedades cristãs. A bondade e a caridade são a base da doutrina cristã, por este motivo, não é de se estranhar que esses valores estejam tão disseminados. Este legado é tão presente ao homem hodierno que passa despercebido ao olhar comum.

É por este motivo que se pode afirmar que o altruísmo representa uma forma de egoísmo, uma vez que toda ação humana feita em nome do próximo, em última instância, é feita em benefício próprio. O homem que oferece esmola a um mendigo, consciente ou inconscientemente, o faz para ter o *status* de cidadão do bem, na sociedade. A busca pela caridade e amor ao próximo esconde uma busca pela vaidade e autoafirmação pessoal. Levando isto em consideração, até que ponto o homem moderno – em especial o aristocrata – dedica-se à educação influenciado por esses valores cristãos? Ou seja, aquele discurso de que se é professor pelo bem comum, visando ao desenvolvimento social, não representa em última análise a utopia de querer aproximar-se do amor de Cristo? Quais os riscos e limites do discurso de um bom educador e do educador que busca sua superação?

O educador aristocrata teria plena consciência e convicção de seu compromisso com a emancipação de si e a transformação do próximo representaria sua própria vontade de transformar-se e emancipar-se. Sendo a educação um processo contínuo de vivência em torno do conhecimento e da cultura, o educador aristocrata também se beneficiaria do processo educacional, individualmente. Desta forma, a discussão de que os aristocratas poderiam se valer de si mesmos como educadores, representa a própria individualidade da ideia de aristocracismo.

---

próprio homem que conscientemente cria seus valores segundo suas necessidades e anseios. A este respeito, dado que os valores são incorporados pela elite, discute-se na filosofia de Nietzsche até que ponto os aristocratas têm autonomia sobre esses valores. Em outras palavras, em que medida os aristocratas estão imunes à influência dos valores do que é bom e do que é mal. De acordo com esta filosofia, o aristocrata teria capacidade de criar seus próprios valores, ou seja, revalorar os valores sociais.



## **Considerações finais**

Se a pergunta deste artigo consistiu em examinar qual é o perfil do educador para a educação aristocrática?, pode-se concluir que o desenvolvimento da aristocracia depende exclusivamente de cada indivíduo, na medida de suas possibilidades extrínsecas e intrínsecas, assim, o perfil não está determinado, mas, diz respeito ao devir, dado que o homem é vontade de potência e nada além disto.

O perfil do educador para a educação aristocrática tem a autocrítica e autossuperação como marcas contínuas. Paradoxalmente, para se tornar um educador aristocrata, não há necessidade deste indivíduo ter recebido uma educação de excelência. Se assim o fosse, o mundo jamais havia de ter seu primeiro educador aristocrata, uma vez que não haveria nenhum pré-existente que lhe pudesse prestar esta educação especial. Mais do que isto, a educação aristocrática constituir-se-ia em modelo educacional, o que não é o caso.

Aponta-se a ideia de que o surgimento da excelência inicia-se com a percepção do próprio estado de inferioridade intelectual. Este sentimento geraria uma vontade de querer mudança, neste sentido, mudar significa ser melhor e autossuperar-se. Esta evolução de desenvolvimento intelectual é um processo complexo, ainda assim, diz respeito à meta da educação da solidão.

Portanto, a busca da excelência, isto é, de seu caráter aristocrático, não depende de um modelo educacional disponível pelo poder público. O perfil do educador desta concepção educacional, em última instância, depende dele mesmo. É condição para a conquista do perfil aristocrático o rigor e a dureza consigo, características da vida aristocrática. Que se tenha cada vez mais educadores inquietos e insatisfeitos com a educação tal como está disponível e que busquem a si mesmos de forma contínua e permanente.

## **Referências**

- Almeida, R. M. (2005). Nietzsche e o paradoxo. São Paulo. Loyola.

- Atkinson, R. L. (2002). Introdução à Psicologia de Hilgard. São Paulo. Artmed.
- Azeredo, V. D. (org.) (2008). Nietzsche: filosofia e educação. Ijuí. Unijuí.
- Dicionários Acadêmicos. (2008). Latim-Português; Português-Latim. Porto. Porto Editora.
- Biesta, Gert. (2009) "On the weakness of Education". En Philosophy of education. Illinois. University of Illinois.
- Figueiredo, L. C. M.; Santi, P. L. R. (2007). Psicologia: uma (nova) introdução. São Paulo. PUCSP.
- Melo Sobrinho, N. C. (2007) Apresentação, A pedagogia de Nietzsche. En Nietzsche, F. (2007). Escritos sobre Educação. São Paulo. Loyola, 2007.
- Mendonça, S. (2009). Educação aristocrática em Nietzsche: perspectivismo e autossuperação do sujeito. (Doutorado em Filosofia da Educação). Campinas. Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. (2011). "Massificação humana e a educação aristocrática em Nietzsche". En ETD – Educ. Tem. Dig., Campinas, 13 (1), Campinas, 17-26.
- \_\_\_\_\_. (2011a). Pressupostos éticos da educação da solidão. En Filosofia e Educação (online)., Campinas 3 (1), 135-158.
- \_\_\_\_\_. (2012). "Objecções à igualdade e à democracia: a diferença como base da educação aristocrática". En ETD – Educ. Tem. Dig., Campinas (prelo).
- Nietzsche, F. (2000). Além do bem e do mal. São Paulo. Cia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (2003). Escritos sobre Educação. São Paulo. Loyola.
- \_\_\_\_\_. (2005). Humano, demasiado humano. São Paulo. Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (2007). Genealogia da moral. São Paulo. Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (2007a). Escritos sobre Políticas. Rio de Janeiro. Loyola.
- \_\_\_\_\_. (2012). Nietzsche Source. Disponível em <http://www.nietzschesource.org/>, acesso em 11/01/2012.
- Vygotsky, L. S. (1984). A formação social da mente. São Paulo. Martins Fontes.